

As narrativas radiofônicas de Walter Benjamin: ensino de história cultural e formação política

The radio narratives of Walter Benjamin: teaching of cultural history and political formation

Andréa Giordanna Araujo da Silva*

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão inicial dos conteúdos pedagógicos manifestos nas narrativas que compõem a obra “A Hora das Crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin”. A produção reúne um conjunto de 30 palestras radiofônicas produzidas entre os anos de 1927 e 1932, quando o autor apresentou, em duas rádios alemãs, transmissões educativo-culturais destinadas ao público infantil. A compilação foi dividida, para efeito de análise, em três grupos temáticos: acidentes sociais e ambientais, história e cultura dos sujeitos marginalizados e outros temas. O estudo permitiu identificar a aproximação do conceito de experiência, desenvolvido nos textos “*Experiência*” (1913) e “*Experiência e Pobreza*” (1933), das temáticas selecionadas para o trabalho pedagógico-radiofônico com as crianças no contexto de uma Alemanha em vias de instituição do governo totalitarista.

Palavras-chave: Walter Benjamin; História Cultural; Experiência.

Abstract: The article presents a preliminary reflection of the pedagogical contents manifested in the narratives that compose the work “Children's Hour: Walter Benjamin's radio narratives”. The production brings together a set of 30 radio lectures produced between the years 1927 and 1932, when the author presented, in two German radios, educational-cultural transmissions intended for children. The compilation was divided, for the purpose of analysis, into three thematic groups: social and environmental accidents, history and culture of marginalized subjects and other topics. The study made it possible to identify the approach of the concept of experience, developed in the texts “*Experience*”

*Professora do Centro de Educação/UFAL e Doutora em Educação/UFPE.

(1913) and “Experience and Poverty” (1933), of the themes selected for pedagogical-radio work with children in the context of foundation of the totalitarian government.

Keywords: Walter Benjamin; Cultural History; Experience.

Introdução

O texto constitui-se como interpretação e reflexão inicial dos conteúdos pedagógicos manifestos nas narrativas que compõem a obra “A Hora das Crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin”. A produção reúne um conjunto de escritos produzidos entre os anos de 1927 e 1932, quando o autor apresentou, em duas rádios alemãs, transmissões educativo-culturais destinadas ao público infantil. Composta por 30 palestras radiofônicas, a compilação foi dividida, para efeito de análise neste estudo, em três grupos temáticos: acidentes sociais e ambientais, história e cultura dos sujeitos marginalizados e outros temas¹. Esse último não será objeto de apreciação deste artigo.

Dentre os textos que tratam de acidentes sociais e ambientais, selecionamos especificamente “*O terremoto de Lisboa*”, como objeto de análise. As palestras que fazem parte deste grupo, usualmente, abordam a história do conhecimento e da cultura de um povo sem ter a intenção de criar um final feliz para os sujeitos agentes dos processos históricos descritos, mas tem o objetivo de apresentar o lugar dos sujeitos no processo de criação e de solução dos problemas ambientais e sociais vividos. No texto escolhido, a importância da pesquisa para o aprimoramento da tecnologia e da ciência será o nosso componente de interpretação, isto porque é corrente nos escritos de Benjamin uma forte crítica à perspectiva utilitarista e imediatista da ciência moderna, logo não são muitos os textos em que o intelectual percebe a ciência (produzida na era moderna) como recurso de aperfeiçoamento do ser social.

O segundo grupo se constitui de textos em que, numa perspectiva crítica e analítica, Benjamin aborda as histórias e as culturas de sujeitos tratados como marginais (bandoleiros, bruxas, ciganos, prisioneiros, camponeses, feirantes, soldados e judeus) na sociedade europeia e que foram, habitualmente, apresentados às crianças de forma mistificada (depreciativa), nas narrações dos adultos e nos contos infantis. Trata-se de temáticas constitutivas da História Cultural da Europa, em especial da Alemanha (Berlim).

¹ Composto pelas palestras radiofônicas: “Histórias reais de cães” e “Um dia maluco”.

Determo-nos, portanto, a apreciação de quatro destas narrativas: “*Processos contra bruxas*”, “*Bandoleiros na antiga Alemanha*”, “*A Bastilha, a antiga prisão nacional da França*” e “*As casernas de aluguel*”.

A obra também apresenta textos que relatam acontecimentos ocorridos em outros países, como os Estados Unidos (“*Os bootleggers*”² e “*A enchente do rio Mississipi em 1927*”), Portugal (“*O terremoto de Lisboa*”) e a China (“*O incêndio do teatro Cantão*”). As produções relacionadas aos Estados Unidos apresentam um teor de crítica política ao uso da lei como forma de impor os interesses do Estado sobre o conjunto da população. Já as narrativas de acontecimentos ocorridos em Portugal e na China, embora apresentem questões de caráter histórico-cultural convenientes à compreensão do trabalho pedagógico benjaminiano, não serão esses escritos objeto de nossa apreciação neste estudo, pois nossas análises têm como interesse principal estabelecer a aproximação do conceito de experiência, desenvolvido nos textos “*Experiência*” (1913) e “*Experiência e Pobreza*” (1933), das temáticas selecionadas para o trabalho pedagógico-radiofônico com as crianças no contexto de uma Alemanha em vias de instituição do governo totalitarista. Ainda, a interpretação do texto “*Dois Tipos de Popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça*”, escrito em 1932, nos possibilita compreender a importância atribuída, por Benjamin e, também, pelo governo nazista, ao rádio como meio de comunicação que deve ocupar um lugar de destaque na Alemanha da década de 1930.

O rádio como recurso pedagógico de formação cultural e política das crianças

O rádio é uma invenção do final do século XIX, e a popularização das emissoras de rádio na Europa, e o monopólio do Estado (França e Itália), vai acontecer na década de 1920. Esse era um recurso de comunicação utilizado principalmente para transmissão de notícias e informações militares, políticas e econômicas, porém, existem registros do uso dos circuitos radiofônicos para a transmissão de concertos na Alemanha, Áustria e Polônia já na segunda metade da década de 1920. Neste tempo, esse tipo de mídia ainda não tinha fins comerciais.

No texto “*Dois Tipos de Popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça*”, escrito em 1932, Benjamin afirma que “antes do surgimento do rádio, quase não se conheciam meios de divulgação que fossem propriamente populares ou correspondessem a

² No texto “*Os bootleggers*”, o autor realiza uma crítica ao teor heroico atribuído a história dos contrabandistas de bebidas alcoólicas do início do século XX e ao tipo de violência instituída formalmente (*prohibition*) pelos Estados Unidos para reprimir a venda ilegal e tráfico de bebidas.

finalidades de educação popular” (BENJAMIN, 1986, p. 85). Para o autor, a rádio se apresentava como um meio de comunicação para a apropriação do conhecimento pelo conjunto da sociedade, que era excluído do acesso ao conhecimento porque a “pesquisa científica transmitia seus progressos para os especialistas”. Ao trata do caráter pedagógico da rádio, o autor apresenta esse meio de comunicação de massa como:

[...] muito mais abrangente, mas também muito mais intensa. Ela exige total transformação e reorganização do material, do ponto de vista da popularidade. Não basta portanto lançar como isca um elemento atual qualquer a fim de despertar a curiosidade do ouvinte, para oferecer-lhe em seguida algo que ele poderia aprender também num curso qualquer de cultura geral. Pelo contrário, importa transmitir-lhe a certeza de que o seu próprio interesse pela matéria possui um valor objetivo, e que o seu modo de perguntar, mesmo que não aconteça diante do microfone, visa a obter conhecimentos científicos novos. Assim, a relação exterior que reinava antes entre ciência e popularidade, é substituída por um procedimento novo que a própria ciência não pode mais ignorar. Pois aqui se trata de uma popularidade que não apenas orienta o saber em direção ao público, mas ao mesmo tempo orienta o público em direção ao saber. Em suma: o interesse autenticamente popular é sempre ativo, transforma a matéria do saber e atua sobre a própria ciência.

Quanto maior a vivacidade exigida, por parte da forma em que se realiza tal trabalho didático, tanto mais imprescindível a exigência de que se desenvolva realmente um saber vivo, não apenas uma vitalidade abstrata, não-verificável, genérica. (BENJAMIN, 1986, p. 85).

Benjamin foi “autor, crítico, moderador, produtor e locutor de radiopeças e produziu programas radiofônicos para o público adulto”. Essas transmissões tinham como intenção promover a “socialização e democratização do saber” e a perspectiva de formação política dos ouvintes (MENEZES, 2007, p. 53). Porém, esse pode não ter sido um trabalho ocupado, inicialmente, por motivações políticas. Durante sua vida, Benjamin enfrentou graves períodos de falta de recursos financeiros (depoimento expresso nas cartas que enviou Gershom Scholem³). Já no início da década de 1930, o intelectual passava por momentos econômicos difíceis, assim quando o seu amigo “Ernst Scholem [...] tornou-se

³ SHOLEM, Gershom. *The correspondence of Walter Benjamin and Gershom Scholem (1932-1940)*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

diretor da emissora de rádio da cidade de Frankfurt/Main, o convidou para fazer palestras radiofônicas (remuneradas) a respeito de livros e questões culturais” (KONDER, 1999, p. 57), possivelmente com intenção de ajudá-lo a se manter”⁴. Talvez por esse motivo, as peças radiofônicas podem não ter sido uma atividade intelectual de fácil realização para Benjamin. Na perspectiva de Konder (1999, p. 58),

Embora tenha tido uma visão arguta do problema, no plano da reflexão teórica, Benjamin teve dificuldades práticas na preparação das suas peças e se apoiou muito na competência de Wolf Zucker para a redação delas. Sentiu que não era fácil "popularizar" suas concepções. Em um caso, pelo menos, se utilizou diretamente da sua experiência vivida. Uma de suas peças está constituída por um texto que, de certo modo, lembra uma "peça didática" do tipo daquelas que Brecht estava escrevendo na época, só que em vez de ensinar como proceder revolucionariamente, ela apresenta um personagem chama do "Max Frisch", que ensina como pedir - e obter - aumento de salário. Era, sem dúvida, uma questão dramaticamente vivida pelo autor, em sua existência cotidiana.

Seja apresentando quadros teóricos sobre realidade ou relatos da própria experiência cotidiana, a formação crítica do povo era o interesse final do trabalho radiofônico desenvolvido pelo intelectual. Desse modo, embora não tenhamos informações precisas sobre os motivos que elevaram Walter Benjamin ao desenvolvimento e ao término, em duas rádios alemãs, do trabalho educativo dirigido ao público infantil, é possível que a experiência pedagógica radiofônica benjaminiana tenha se encerrado em 1932 porque já “Em 13 de março de 1933, Adolf Hitler criou o mais sofisticado órgão estatal de propaganda, o Ministério Nacional para Esclarecimento Público e Propaganda” (PEREIRA, 2008, p. 65). Logo foi estabelecido o controle autoritário dos principais meios de comunicação e de informação: imprensa, rádio, teatro e cinema, visando à propagação da doutrina nazista.

Referindo-se ao poder de comunicação do rádio para a formação moral das massas, Adolf Hitler afirmou, em 1940:

Há um meio de comunicação mais eficaz que o terror: é o da transformação metódica da mentalidade e da sensibilidade das multidões.

⁴ “A partir de 1931, Benjamin passou, também, a colaborar com Wolf Zucker na redação de pequenas peças radiofônicas” (KONDER, 1999, p. 57).

ISSN: 2177-9961
ANO VIII, Nº 15, JULHO/2017

É uma espécie de propaganda mais fácil na nossa época porque dispomos do rádio. (RAUSCHING, 1940 apud PEREIRA, 2008, p. 68).

No discurso de Adolf Hitler, a simetria entre o poder militar e o terror social sede lugar à necessidade de formação da sensibilidade humana na busca pelo consenso político. Tal ideário foi possível porque a transmissão radiofônica tinha a capacidade de ultrapassar as fronteiras físicas, logo “[...] era vista como maneira de enfraquecer regimes adversários e integrar territórios. O rádio, então, era percebido como um poderoso instrumento de ação política” (ANDRADE, 2014, p. 1).

A formação cultural e política das crianças também era o objetivo das narrativas radiofônicas benjaminianas. Todavia na contracorrente da propaganda nazista, que utilizou o rádio para difundir o antissemitismo e a discriminação dos grupos minoritários, a exemplo dos povos ciganos, Walter Benjamin utilizava a “história cultural da Alemanha” como recurso pedagógico para descrever os espaços socio-econômicos e político-culturais que vinham sendo reservados historicamente aos grupos vitimados pelo preconceito e exclusão social no continente Europeu. No texto “*Bandoleiros na antiga Alemanha*”, o autor apresenta a riqueza cultural e performance política dos ciganos e judeus ao longo da história social da Europa:

Mais tarde, nos séculos XVI e XVII, não era raro, inclusive, encontrar judeus que ocupavam a posição de chefes temidos. Nos seus primórdios, essa relação com os bandos era mais a de cúmplices que adquiriam as mercadorias dos bandoleiros. Como durante a Idade Média **os judeus viviam impedidos de exercer a maioria das profissões livres**, é fácil imaginar como chegaram a esta situação. Junto aos judeus, o grupo que teve maior importância no surgimento dos grupos bandoleiros foram os ciganos. (BENJAMIN, 2015, p. 140-141, grifo nosso).

O ensino da história cultural da Europa e da Alemanha apresenta-se para Benjamin como uma ferramenta pedagógica para a formação crítica das crianças e a invocação do passado (por meios da narrativa das tradições) tinha a intenção de instigar as crianças à prática da observação do contexto histórico numa perspectiva dialética. É possível que Benjamin tenha trilhado esse caminho pedagógico por acreditar que “Para pensar a mudança e a contradição, o sujeito precisa incorporar as verdades de diferentes ‘momentos’” (KONDER, 1999, p. 16).

Neste caminho, ao tratar da “História cultural do brinquedo” (1928), Benjamin busca demonstrar como a estreita relação existente entre a produção artesanal do brinquedo e o interesse dos adultos pelo universo infantil foi se modificado pela produção fragmentada dos brinquedos industriais:

E ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha, um beço de vidro ou navios de estanho, **os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil.** Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando **o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos** (BENJAMIN, 2009, p. 92, grifo nosso).

O autor esclarece ainda, no escrito “Velhos brinquedos” (1928), que

Não se trata de uma regressão maciça à vida infantil quando o adulto se vê tomado por um ímpeto de brincar. Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê açoitado por uma realidade ameaçadora, sem perspectiva de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua produção miniaturizada (BENJAMIN, 2009, p. 85).

Observa-se que ao tratar da relação do adulto com a produção do brinquedo, o intelectual faz uma associação do universo do trabalho, do produtor de brinquedo, com o brincante, a criança em formação. Esse vínculo cultural entre crianças e adultos é rompido com a produção e comercialização industrial do brinquedo na era moderna.

Esse é um dos aspectos da realidade cultural que foi transformado pelo “progresso da era modernidade” que serviu de indicativo, para Benjamin, de que era necessário ter prudência com a lógica racionalista da ciência moderna e, também, com a moral cristã. Logo, ao narrar os “*Processos contra as bruxas*”, o autor enfatiza a forte ligação existente entre a ciência moderna e o misticismo:

No próprio século XIV, esta crença mostrou sua face mais assustadora e perigosa, foi a época de um grande avanço nas ciências. As Cruzadas haviam começado: com elas foram trazidas para Europa as mais modernas

doutrinas científicas para Europa as ciências naturais, vindas do Mundo Árabe, que naquele tempo estava muito à frente de outras nações. E por mais improvável que possa parecer, esta nova ciência da natureza falava amplamente em favor da crença em bruxas. (SOUSA, 2015, p. 130).

Segundo Löwy (2002, p. 240) “[...] o fascismo leva às últimas consequências a combinação tipicamente moderna de progresso técnico e regressão social”, logo é possível pensar que Benjamin, nos anos finais da década de 1920 e início da década de 1930, estava efetivamente confrontando os fundamentos do totalitarismo, quando utilizou o rádio, enquanto recurso de comunicação de larga escala, para transmissão de conteúdos históricos e culturais não doutrinários para as crianças. O trabalho pedagógico pode ser observado como inovador e contra-conservador, isso porque o autor provocava as crianças a observarem a realidade com um olhar investigativo e como um recurso para a aprendizagem e a ampliação da própria formação cultural, de modo analítico:

De uma outra vez, se vocês quiserem, trago mais história sobre o berlinês. Mas não há a menor necessidade de vocês ficarem esperando. Quem abrir os olhos, apurar os ouvidos e caminhar por Berlim, poderá reunir muito mais dessas belas histórias do que as que eu contei hoje aqui no rádio (BENJAMIN, 2015, p. 17).

No texto “Experiência”, escrito em 1913⁵, Benjamin apresenta a experiência vivida pelos adultos como um curso histórico quase que “predestinado”, na visão destes. Pois é nela que são depositadas as certezas das não conquistas e dos sonhos frustrados, trata-se de uma justificativa para o ato de resignação mediante a realidade e um sentido impõe-se, ainda, como mecanismo de opressão da “liberdade do jovem na busca pelo novo e pelo verdadeiro” (LIMA; BAPTISTA, 2013, p. 435). Porém, para a juventude, o escrito benjaminiano anuncia outra qualidade de experiência, trata-se um espaço para o desenvolvimento cultural e o aprimoramento do espírito humano:

Mais uma vez: conhecemos uma outra experiência. Ela pode ser hostil ao espírito e aniquilar muitos sonhos florescentes. No entanto, é o que existe de mais belo, de mais intocável e inefável, pois ela jamais estará privada de

⁵ BENJAMIN, Walter. Experiência. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2014.

espírito se nós permanecemos jovens. [...] (BENJAMIN, 2014, “Experiência”, p. 24).

Neste contexto, o sentido social da experiência é constituir-se e como vivência⁶ (ou experiência na era moderna), exploração do mundo empírico e produção do conhecimento (científico e cultural). Porém, segundo Lima e Baptista (2013), o termo experiência agrega uma nova qualidade, a partir de 1933, no texto “Experiência e Pobreza”:

[...] o termo “experiência” (Erfahrung) é o representante do conhecimento transmitido entre gerações. Dito de outro modo, “experiência” denota o conhecimento acumulado por gerações que é transmitido em geral por meios das fábulas, histórias, parábolas ou provérbios. Benjamin constata: se o saber da experiência era, aos homens do passado, um conhecimento que os constituía plenamente, que fazia parte de sua história, os homens modernos sofrem para reconhecer esse saber antes tão naturalmente transmitido entre as gerações (LIMA; BAPTISTA, 2013, p. 462).

Mesmo que não seja a origem para mudança de sentido atribuída ao termo Experiência, as narrativas radiofônicas são a materialidade do que se pretendeu instituir como ação de formação do espírito, em busca da verdade e devida à observação empírica das tradições. A apresentação de “fábulas, histórias, parábolas ou provérbios” são os principais conteúdos do trabalho pedagógico desenvolvido nos programas de rádio por Benjamin, que convida as crianças para serem ativas no processo de sua formação e autoras de suas biografias: “Quem abrir os olhos, apurar os ouvidos e caminhar por Berlim, poderá reunir muito mais dessas belas histórias” (BENJAMIN, 2015, p. 17).

O trabalho radiofônico desenvolvido por Benjamin teve por intenção de estimular nas crianças os atos de observação e de interpretação da realidade, percebida pelo autor como uma produção coletiva, social e histórica (reflexões presentes dos textos “*Sobre o conceito de História*”⁷ e “*Experiência*”). Desejava o intelectual restituir a liberdade de autoria “de interpretação da história”, em contraposição à aquisição da explicação e da informação definitivas dos conteúdos dos textos orais e escritos que focalizam a exposição da História como um conjunto de associações acumulativas de acontecimentos episódicos. O autor

⁶ É importante destacar que em Benjamin experiência e vivência têm significados distintos. A primeira está diretamente associada à busca da verdade; a segunda diz respeito à experiência própria da era moderna, que era considerada uma formação pobre e fragmentada (LIMA; BAPTISTA, 2013).

⁷ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

pretendeu a reafirmação do sentido aberto e inacabado da experiência coletiva (histórica) (BIZELLO, 2013), e atribuiu à tradição o significado de ato-exemplo, um saber que pode servir para orientar as práticas das gerações futuras, sem provocar a ruptura da ligação passado-presente como fez a ciência moderna.

No estudo sobre a introdução do rádio como meio de comunicação de massa no Brasil, Azevedo (2002) aponta esse instrumento como capaz de promover “transformações na forma de obtenção e renovação de saberes”, sem necessariamente promover uma ruptura com “as práticas culturais cotidianas da sociedade” (AZEVEDO, 2002, p. 31). Esse parece ser o caminho intencionalmente trilhado por Benjamin na seleção dos conteúdos e na forma de exposição de suas narrativas radiofônicas. Existe nestes textos uma forte valorização da história do cotidiano e das tradições populares, porém o autor apresenta novos conceitos e pondera sobre a importância da criação de alguns instrumentos tecnológicos para a ampliação do saber cultural. Observa-se no discurso de Benjamin uma forte valorização da cultura e da tecnologia como espaços de formação (especialmente o rádio e o cinema) e a perspectiva de advertir que a ciência moderna deve ser tomada como objeto de análise, pois precisa ser constantemente questionada devido aos fins ideológicos que lhes dão sustentação. Em diferentes narrativas (“*A Batilha, a antiga prisão nacional da França*” e “*Processo contra bruxas*”), o autor questiona a legitimidade dos saberes da ciência:

Uma das coisas mais espantosas que se vê na história é o fato de que foram necessários mais de 200 anos até os doutores da lei perceberem que uma confissão obtida sob tortura não tem qualquer sentido nem efeito legal. Talvez porque os seus livros estavam cheios de coisas tão absurdas, horríveis e sem pé nem cabeça, não tenha lhes ocorrido um pensamento tão simples (BENJAMIN, 2015, p. 136).

É preciso observar que, na obra de Benjamin selecionada para este estudo, a produção tecnológica parece estar situada como um elemento distinto da ciência moderna, que pretende a explicação, pela instituição de um modelo racional técnico, e pode configurar-se como ação de doutrinação política, enquanto a tecnologia tem como materialidade a produção de conhecimentos e instrumentos que possibilitam o desenvolvimento de saberes a respeito dos fenômenos sociais e naturais. Deste modo, na palestra “*O Terremoto de Lisboa*”, Benjamin procura descrever o processo de evolução tecnológica que possibilitou o entendimento da origem dos terremotos:

É verdade que as erupções vulcânicas estão frequentemente associadas a um terremoto, ou pelo menos são anunciadas por eles. Assim, ao longo de 2000 anos, dos gregos a Kant e em diante, até por volta de 1870, as pessoas acreditavam que os terremotos se originavam de gases e vapores ardentes do interior da Terra. **Mas quando se passou a investigar as coisas com instrumentos de cálculo de uma precisão que vocês sequer podem imaginar – nem eu – e quando se pôde conferir tudo, chegou-se a uma conclusão completamente diferente, ao menos sobre os grandes terremotos, como o que se abateu sobre Lisboa. Eles não se originam do mais profundo interior da Terra, que até hoje se imagina ter uma forma líquida, ou melhor, uma espécie de lama ardente, mas sim de fenômenos que ocorrem na crosta terrestre. A crosta terrestre é uma camada de aproximadamente 3000Km de espessura, em constante instabilidade. As massas se encontram em constante deslocamento, sempre buscando chegar a um equilíbrio. Algumas das causas são conhecidas, outras ainda precisam ser descobertas através de pesquisa exaustiva.** (BENJAMIN, O terremoto em Lisboa, 2015, p. 238-239, grifo nosso).

Entende-se que os artefatos tecnológicos são produzidos por meio de um processo de seleção, mediado por interesses ideológicos, políticos, econômicos e sociais, porém, em Benjamin, o avanço tecnológico parece estar vinculado à ideia de produção de saberes úteis ao desenvolvimento do bem-estar da coletividade, por isso não poderiam ser confundidos com o conhecimento científico produzido pela ciência moderna, que, por vezes, tinha interesses instantâneos e fragmentados, como foi caso de muitas das produções científicas dos governos totalitaristas do século XX.

Embora na nota da edição alemã, Rolf Tiedemann afirme que o possível motivo para Walter Benjamin ter realizado as narrativas radiofônicas tenha sido a necessidade de obtenção de recursos financeiros, Sousa (2015) afirma que o ativismo político contra o avanço da ciência, da política e da cultura nazista na Alemanha poderia ter sido um elemento indutor do trabalho desenvolvido nas duas rádios alemãs.

As palestras radiofônicas “foram escritas e narradas pelo próprio Benjamin, entre os anos de 1927 e 1932,” (SOUSA, 2015, p. 2190) e os usos da ciência na Alemanha Nazista⁸ (1933-1945) mostraram que as inquietações do autor tinham um sentido histórico (memória) e, infelizmente, um teor profético. No texto “*Teorias do Fascismo Alemão*”, escrito em 1930,

⁸ A ciência foi utilizada na tentativa de forjar a superioridade biológica da “raça ariana” e, ainda, muitos seres humanos foram transformados em cobaias no processo de produção de armas químicas.

Benjamin crítica a pouca atenção dada, pelos intelectuais de seu tempo, às interferências materiais e simbólicas da Primeira Guerra Mundial sob os contornos da realidade político-militar na Europa pós-guerra:

Com prazer e com ênfase, os autores⁹ falam da "Primeira" Guerra Mundial. Mas a obtusidade com que falam em guerras futuras, sem noção do que estão falando, prova a falta de assimilação, pela sua experiência, de uma realidade a qual chamam de "real de alcance mundial", com estranhíssima exaltação. Esses pioneiros da *Wehrmacht* quase levam a crer que o uniforme é para eles um objetivo supremo, desejado com todas as fibras de seu coração, objetivo que quase faz esquecer as circunstâncias nas quais o uniforme é utilizado. Essa atitude toma-se mais compreensível quando se considera o quanto a pleiteada ideologia da guerra já está obsoleta agora, comparada ao estado do armamentismo europeu. Os autores omitiram o fato de que a batalha de material, na qual alguns deles veem a suprema revelação da existência, desvaloriza os precários emblemas de heroísmo, que aqui e ali sobreviveram à Guerra Mundial. A guerra química, pela qual os colaboradores desse livro demonstram tão pouco interesse, promete dar à guerra do futuro uma fisionomia que dispensa definitivamente as categorias soldadescas em prol das esportivas e colocará as ações militares sob o signo do recorde. Sua característica estratégica mais forte é o fato de ser pura guerra de agressão, da maneira mais radical possível. Contra os ataques aéreos com gases tóxicos não existe, como se sabe, nenhuma defesa eficaz. Mesmo as medidas de proteção individual, as máscaras de gás, falham contra o gás de enxofre e o *levisit*. De vez em quando aparece uma notícia "tranqüilizadora", como a invenção de um aparelho de escuta ultra-sensível, capaz de registrar à grande distância o zunir das hélices. E alguns meses depois, anuncia-se a invenção de um avião silencioso. A guerra química se baseará em recordes de extermínio e envolve riscos levados ao absurdo. Se o início da guerra ocorrerá dentro das normas do direito internacional - depois de uma prévia declaração de guerra - é algo que ninguém sabe; seu término não precisará mais contar com esse tipo de barreiras. **Ao abolir a distinção entre população civil e combatente, a guerra de gases anula a base mais importante do direito das gentes.** Já mostrou a última guerra que a

⁹ Referência à "coletânea de ensaios intitulada *"Guerra e guerreiros"*, publicada em 1930", na qual "intelectuais de direita apresentam um retrato mítico da Primeira Guerra Mundial e uma imagem heroica do 'guerreiro', ao glorificarem as experiências da linha de frente" (KANG, 2012, p. 66).

desorganização que a guerra imperialista traz consigo ameaça torná-la uma guerra sem fim. (BENJAMIN, 1986, p. 131, grifo nosso).

É possível captar a crítica do autor à diluição dos sentidos históricos e culturais, “juízos morais e políticos” (KANG, 2012, p. 67) que dão sustentação à participação dos sujeitos nos conflitos militares, pois a probabilidade de organizar um confronto armado mediado exclusivamente pelo teor político-técnico atomiza a capacidade humana de discussão e compreensão dos efeitos de uma guerra, para além “dos produtos” econômicos e políticos. Em um panorama como este, são eliminados os princípios e normas (os limites, “direito das gentes”) para o desenvolvimento dos confrontos armados e as vidas humanas tornam-se apenas baixas ou saldos de guerra.

É neste cenário e preocupado com a formação crítica das crianças, que Benjamin pretende estimular o “senso de observação e estudo detalhado” da realidade (BENJAMIN, 2015: 100), a aprendizagem de conteúdos conceituais e a compreensão de práticas e representações que constituem da história cultural dos sujeitos marginais da sociedade europeia do início do século XX, e, ainda, estima pelo desenvolvimento de atitudes justas e solidárias na apropriação das histórias dos sujeitos que foram marginalizados pela narrativa oficial:

Afinal de contas, a maioria destes bandoleiros, com toda a sua coragem e malandragem, não passava de indivíduos pobres e ignorantes, no mais das vezes de origem camponesa (BENJAMIN, *Bandoleiros na Antiga Alemanha*, 2015, p. 146).

Com sua obra ele combateu a abominável salada de latim com alemão presente em milhares e dezenas de milhares de autos cheios de cólera e abuso de poder. Com este livro, e com o que veio a provocar, Fredrich von Spee¹⁰ mostrou o quanto é necessário colocar a humanidade acima da erudição e da sagacidade (BENJAMIN, *Processos contra as Bruxas*, 2015, p. 137).

Todas essas coisas mostram o quanto a Bastilha era uma ferramenta do poder, e o quanto ela não era um instrumento do direito. Os homens são capazes de suportar a crueldade e a severidade, se perceberem que por

¹⁰ Jesuíta alemão que realizou uma forte e fundamentada crítica aos argumentos expostos para o desenvolvimento dos processos inquisitórios para o julgamento de sujeitos por atos de bruxaria.

trás delas está uma ideia, a ideia de que o rigor não é apenas o reverso do comodismo dos poderosos (BENJAMIN, A Batilha, a antiga prisão nacional da França, 2015, p. 169).

Ao contrário das tradicionais funções atribuídas aos meios de comunicação de massa, que têm, usualmente, o papel de transmitir modelos de referência e hábitos instáveis (SEDLMAYER, 2011) a serem desenvolvidos (consumidos) pelo sujeito-ouvinte (em se tratado da rádio), Benjamin ao narrar as tradições, as histórias contadas e apropriadas por meio da oralidade, confronta a dinâmica e a volatilidade da aquisição de informações e notícias sem significado histórico e sentido social coletivo, processo de acomodação intelectual que não dá espaço para a interpretação e a reflexão das coisas ouvidas e vistas. Neste cenário, o sentir, *locus* central para o desenvolvimento dos valores e princípios humanos, deve tornar-se um elemento automático, um efeito imediato do que foi ouvido e visto, e um gesto de caráter individual. É por esse processo que se destitui, segundo os escritos benjaminianos, a experiência como prática cultural e de formação, e se institui “Uma nova forma de miséria” sustentada pela “pobreza da experiência [que] não é mais privada, mas de toda a humanidade” (BENJAMIN, 1986, p. 196).

A perspectiva de experiência em Benjamin se configura como de caráter atemporal, duradouro (MEINERZ, 2008) e capaz de se reatualizar, ser continuamente recontextualizado nos tempos e lugares históricos dos sujeitos, pois se trata de um patrimônio coletivo, uma memória (conhecimento) pertencente a diversas gerações.

A ação pedagógica radiofônica parece ter sido tomada por Benjamin como estratégia para a ampliação do repertório cultural (apropriação de conceitos e de conhecimento históricos) dos ouvintes e como recurso para estimular à observação dos ambientes criados por sujeitos de épocas distintas, mas que partilham e recriam a mesma cultura.

Abram seus ouvidos, vocês já podem ouvir o que não se consegue aprender com tanta facilidade nas aulas de alemão, de geografia ou de moral cívica, mas que para vocês pode ser importante (BENJAMIN, As casernas de aluguel, 2015, p. 87).

Segundo Veiga-Neto (2003, p. 7), a racionalidade da modernidade apresentava uma perspectiva monocultural para a formação dos sujeitos, o que implicava em entender a educação “ [...] como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura,

tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos”. Assim, ao chamar atenção para a necessidade de apropriação do conhecimento produzido na e pela experiência social, Benjamin confronta um postulado fundamental da modernidade: o ideário de que o conhecimento científico seria o único e autêntico recurso necessário para o entendimento do mundo social.

A leitura contextual das narrativas radiofônicas indica que o trabalho de exposição das trajetórias históricas e culturais dos sujeitos marginalizados pela historiografia oficial alemã e pelos meios de comunicação de massa (jornais, cinema e rádio) pode ter sido um dos meios encontrados por Benjamin para confrontar os discursos, em circulação na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930, que davam sustentação ao ideário de superioridade entre os “povos” e as culturas. A comprovação desta última tese ainda carece de análise mais profunda da compilação “*A hora das crianças: narrativas radiofônicas*” em interlocução com o conjunto dos escritos benjaminianos produzido no período de efetivação das palestras radiofônicas.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carol. *Rádio na Alemanha nazista*. 2014. Disponível em: <<https://prezi.com/akhnfsiscfyh/radio-na-alemanha-nazista/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

AZEVEDO, Lia Calabre de. *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil 1923-1960*. 2002. 277f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças: narrativas radiofônicas*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2015.

_____. Dois tipos de popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

_____. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

_____. Teorias do Fascismo Alemão. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

- _____. Experiência. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2014.
- _____. História cultural do brinquedo. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009
- _____. Velhos brinquedos. In: BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009
- BIZELLO, Maria Leandra. Sons e imagens do rádio: A era do rádio. *ALCEU*, v. 13, n. 26, p. 56-70, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/artigo4_26.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.
- KANG, Jaeho A mídia e a crise da democracia. *Novos Estudos*, Dossiê Teoria Crítica, n.93, p. 61-79, jul., 2012.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin e o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1999.
- LIMA João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. *Princípios – Revista de Filosofia*. n. 33, v. 20, p. 449-484, jan./Jun., 2013.
- LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*, n. 45, v.16, p. 199-206, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a13.pdf> >. Acesso em: 14 fev. 2017.
- MEINERZ, Andréia. *Concepção de experiência em Walter Benjamin*. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Walter Benjamin e as radiopeças pedagógicas. In: MENEZES, José Eugênio de Oliveira, *Radio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O império das imagens de Hitler: o projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazi-fascista na Europa e na América Latina (1933-1955)*. 2008. 439f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SEDLMAYER, Sabrina. Sobre os restos: Infância berlinense por volta de 1900. *Cadernos Benjaminianos*, n. 4, p.43-51, ago-dez., 2011.
- SOUSA, Rui Bragado. *A hora das crianças de Walter Benjamin e a pedagogia antifascista*. VII Encontro Internacional de História, 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1260.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2016.

VEIGA-NETO, Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 5-15, mai-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01>>. Acesso em: 09 out. 2016.

